



A travessia da terra vermelha: uma saga dos refugiados judeus no Brasil*

Lucius de Melo**

Os olhos da soprano viravam pássaros. Fugiam da máscara num sonoro e acelerado bater de asas porque, assim como a boca, também gostavam de cantar. A mágica que os subtraía do rosto fazia da vida uma ilusionista e da cabeça de Nora Naumann, uma cartola. Transformava os olhos em alados e afinados cantores para também tentar libertá-los da gaiola intransponível da memória. Mas, eles nada mais eram que o passado em forma de passarinho. Desprendiam-se com facilidade do corpo para voar sem pressa e prazerosamente sobre os campos verdes formados pelas copas das árvores da infinita floresta brasileira. Voavam sobre as perobas, cedros, caviúnas, marfim, canjeranas, óleo-pardo, canelas, amoreiras, araucárias e as gigantescas e imponentes figueiras brancas cujas raízes aéreas se derramavam tronco abaixo. Rodopiando como um casal em passos de valsa, desviavam do tucano solitário e do bando de papagaios tagarelas da ponta da asa vermelha. Também chegavam às praias tropicais e, misturadas às gaiivotas e fragatas, voavam, voavam, ora dando rasantes sobre o mar ora furando as nuvens; depois atravessavam o oceano, cruzavam as montanhas nevadas da Europa, até pousarem cansados sobre o piano de cauda da Escola de Música de Dresden ou no palco de Teatro de Dusseldorf, na Alemanha. Só então descansavam, e, em seguida, voltavam acelerados ao interior do Brasil, cortando o céu como estrelas cadentes, cruzando a escuridão da noite, até chegarem bem perto das tímidas chamas que dançavam sobre as pontas das enferrujadas e oleosas lamparinas. Trêmulas luzes que iluminavam um pedaço de peroba-rosa enfeitado com letras talhadas à mão que identificavam o nome da singela casa de espetáculos: Ópera dos Grilos.

A palavra que os imigrantes ainda falavam com forte sotaque alemão se transformava na moeda cobrada na bilheteria do teatro. Paguem com sau-da-de, dizia irmã Anna que distribuía folhas de laranjeira como se fossem ingressos com os lugares marcados. Sentada num pedaço de tronco de peroba-rosa, a alemã, gorda e de voz grave, era encarregada de operar a máquina de colher saudade. Uma invenção bem-humorada do doutor Volk, respeitado advogado berlinense, especializado em direitos de patentes e mineração. Um tacho de ferro grande, similar aos usados pelas bruxas das histórias infantis, parado sobre o fogo, era usado para depositar o sentimento que mais se produzia naquelas terras. Dentro dele, a invisível saudade era misturada com água fervente e óleos perfumados. Hoje, o tacho está enchendo rápido, dizia irmã Anna. Que beleza! Vamos senhor Cremer, chegou sua vez!

A máquina de colher saudade era composta por um espelho de cristal em forma de um ovo, envolvido por uma moldura dourada e preso entre duas hastes de madeira, com pés de faunos esculpido na base. Por trás do espelho saíam fios de cobre que eram fixados com prendedores de arame aos cabelos e às roupas dos doadores; um cano mais grosso, também de cobre, ligava a engenhoca ao caldeirão que só era aberto depois que o terceiro sinal fosse dado para que o saudosismo despejado no tacho pudesse contagiar a todos os presentes poucos minutos antes de o espetáculo começar. Na hora da colheita, bastava que o doador se olhasse no espelho, pensasse num lugar, objeto, numa situação, num momento da própria vida ou em alguém. Irmã Anna, então, apertava o botão que era feito com uma pedra de topázio cor de mel do tamanho de uma maçã lapidada como um diamante. Nesse exato instante em que o botão era acionado, uma caixa de música bem antiga fabricada por relojoeiros que habitaram a floresta negra, decorada com máscaras gregas, começava a tocar um trecho de *A flauta mágica*, de Mozart. Só quando a ópera parasse de tocar na caixinha, o doador podia se desligar da máquina. Enquanto



tocavam o primeiro, o segundo sinais e irmã Anna ainda se encarregava de colher o combustível e de deixá-lo lentamente se espalhar pelo ambiente, os convidados tomavam os seus lugares na plateia e os camarotes. Os mais animados não se acomodavam antes de brindar o encontro com taças cheias de vinho. Vestidos para mais uma noite de gala, a grande maioria começava a chegar à Fazenda Gênesis uma hora depois que terminava o *Shabat*, poucos após o anoitecer. Todos estavam ansiosos para ouvir a voz de Nora Naumann em mais um concerto solo.

Doutor Samuel Naumann era quem avisava o público batendo com uma colher de prata num prato de ferro. Quando soou o terceiro sinal e todo o caldeirão foi descoberto, o vapor de saudade tomou conta do espaço e o jogo cênico se fez. O pobre teatro que tinha as copas das árvores como teto e o mato rasteiro e a terra úmida como piso, batizado de Ópera dos Grilos por Nora Naumann, se transformava quando a soprano pisava no palco e começava a cantar. Como é bom voltar ao Teatro de Berlim em noite de gala!, dizia Carmen Volk a Ester Cremer. Ruth que o diga, não é minha amiga?, perguntou Ester a sua vizinha mais próxima que tinha chegado da Alemanha há apenas três meses. Tenho muita saudade disso tudo, respondeu Ruth Allmann, muita saudade mesmo! Os eventos culturais me fazem muita falta. Rudolf também sofre como eu. Assim como nossa linda sobrinha, Nicole, não é, minha querida? Nicole esboçou um sorriso de que concordava com a tia e se afastou da roda das senhoras mais velhas para se aproximar de Johanna e Martin, filhos de Nora e Samuel Naumann. Estavam todos bem vestidos, perfumados. Acho bom usar os binóculos, Nicole, disse Johanna. Empresto os meus para você ter certeza de como minha mãe vai estar perfeita esta noite. Nora sempre está deslumbrante, minha querida, disse Petra Luft Hagen, que estava acompanhada do marido, Edward Luft Hagen e dos enteados Ludwig e Golda Luft Hagen. Justin e Elisabeth Kroch, Frank e Agathe Flemig, Edgard e Hidda Brink também estavam presentes. Cada detalhe da tradicional casa de espetáculo berlinense, os lustres, os tapetes, as poltronas, a majestosa cortina de veludo vermelho, tudo estava ali para que os viajantes pudessem desfrutar como nos bons velhos tempos.

A Ópera dos Grilos vivia momentos de glória naquela floresta que ficava encantada nas noites de confraternização. A imaginação de Nora Naumann, como o apoio dos amigos, fazia a cortina feita com sacos de estopa ganhar o brilho e a cor de tecidos luxuosos. Da mesma forma, os tocos das árvores e os bancos de madeira que serviam de poltronas e de camarotes assim como frágil tablado que fazia a vez do palco e as tochas de fogo que tentavam substituir os lustres. Lustre de verdade só havia um. Pertencia à família List Obermann. Com muito custo a peça conseguiu sobreviver à viagem do castelo da família na Alemanha até Rolândia. Teve de ser toda desmontada e embalada pedaço por pedaço. Só assim o lustre de cristal pôde chegar inteiro, sem nenhum arranhão. Hoje só deixa a sede da Fazenda Canaã transportado numa carroça para se transformar no símbolo mais belo do teatro da selva. Bernardo List Obermann e sua esposa Olívia quiseram colaborar com doutor Volk e com a família Naumann emprestando a peça tão valiosa para aquelas noites de recordação. O lustre ficava seguramente pendurado num dos galhos mais altos de uma velha figueira e tinha todas as velas acesas durante as apresentações. Ver aquela imensa joia de pedras cristalinas, viajar praticamente no lombo de um cavalo pelas trilhas abertas na floresta era outro espetáculo.

Goethe está entre nós, dizia em voz alta, Rudolf Allmann. Sintam a presença do nosso poeta maior, sintam! Lembrem-se do que ele escreveu: “Não fique preso ao chão. Tenha coragem de se arrancar! Cabeça e braço com forças a irradiar. Em toda parte em casa estarão. Ficaremos sem mais preocupações onde houver o sol a nos iluminar! Pois é para nele você se espalhar, que o mundo é feito de vastidões!”. O marido de Ruth foi aplaudido. Nunca deixem faltar velas e



lâmparas nas suas casas para que sempre haja luz e os livros possam ganhar vida! Eu mesmo tenho um estoque de velas na dispensa para que fique bem longe da minha família a impossibilidade da leitura, finalizou o advogado judeu. E só então o espetáculo pôde começar.

* Esse texto faz parte do romance *A travessia da terra vermelha: uma saga dos refugiados judeus no Brasil* publicado, 2007, pela editora Nova século em São Paulo.

** **Lucius de Melo** é escritor, jornalista, mestrando em literatura hebraica na Universidade de São Paulo – DLO – Departamento de Letras Orientais. Pesquisador do ARQSHOAH - Arquivo virtual do Holocausto e Antissemitismo e do LEER – Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação – ambos ligados à Universidade de São Paulo. Também é autor do livro de contos *Um violino para os gatos* (editora Maltese, 1995); da biografia *Eny e o Grande bordel brasileiro* (editora Objetiva, 2002) e do romance *Mestiços da Casa Velha* (Novo Século, 2008).